

9º seminário docomomo brasil
interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente
brasilía . abril de 2011 . www.docomomobsb.org

Plano Urbanístico da Baía de Vitória, por Paulo Mendes da Rocha: Memória, Arquitetura e Natureza:

Autor: Leonardo Izoton Braga*, Nome , Leonardo Izoton Braga

*Graduando em Arquitetura e Urbanismo, UFES, 2007

Endereço: Rua André Nogueira, 291, Centro, Vila Velha, ES
E-mail do Autor leo.izoton@gmail.com

Abstract

Paulo Mendes da Rocha, an architect, from Vitória (1928), state of Espírito Santo, developed in 1993, the Urban Plan of Vitória Bay, his territory of origin. The plan is based on the export corridor and the creation of development centers, aiming to control growth of capital. His intention was to remodel the city, with the installation of environmentally conscious human endeavors, combining art, science and art, to promote a humane nature and / or a new geography. In the analysis the subjectivity of the architect and the objective of the territory are related, at the formation of the creative process, at the disclosure of the idea of city and nature, idealized into an urban plan, but not implemented.

Keywords: Urban Plan, Paulo Mendes da Rocha, Brazilian Architecture; nature/city, memory

Resumo

Paulo Mendes da Rocha, arquiteto, nascido em Vitória (1928), estado do Espírito Santo, desenvolveu em 1993, o Plano Urbanístico da Baía de Vitória, seu território de origem. O plano é fundamentado no corredor de exportação e na criação de polos de desenvolvimento, objetivando controle de crescimento da capital. Sua intenção era remodelar a cidade, com a instalação de empreendimentos humanos com consciência ecológica, aliando técnica, ciência e arte, a fim de promover uma natureza humanizada e/ou uma nova geografia. Nesta análise a subjetividade do arquiteto, e a objetividade do território se relacionam, na constituição do processo criativo, na revelação da idéia de cidade e natureza, idealizada, no formato de plano urbanístico, mas não implementada.

Palavras-Chave: Plano urbanístico, Paulo Mendes da Rocha, Arquitetura brasileira; cidade/natureza; memória

1. Paulo Mendes da Rocha

Paulo Archias Mendes da Rocha nasceu em 1928, em Vitória, estado do Espírito Santo. Foi educado em família de engenheiros. Seu pai era professor da Escola Politécnica da USP, engenheiro de portos e vias navegáveis e seu avô, Serafim Derenzi, foi um importante engenheiro capixaba. Em sua juventude, observava a alteração da natureza pela ação do homem.

Viveu na ilha litorânea de Vitória, cercada de rios, meios de articulação estadual interior e exterior, e de frente para o mar, canal de comunicação planetária. A baía molda a paisagem, marcada pela topografia, que margea e configura a ilha, enquanto a bacia hidrográfica configura vasos conectantes. Neste cenário, o futuro arquiteto começa a se formar, a partir da experiência com o lugar, observando o crescimento da cidade por meio de aterros. O acompanhar dos instrumentos humanos postos em prática ajudaram a despertar sua lógica tectônica. Cresceu com a convicção no poder de transformação pela técnica. Admirava-se com o porto, exemplo de interação entre natureza e engenhos humanos. A fachada portuária, frente ao mar, desenha a geografia local. A escala desta grande usina iluminada com alcance global, fluxo constante de pessoas, mercadorias e tempo variável, permeava seu olhar e atingia seu imaginário.

Mendes da Rocha constituiu uma visão fabril da própria vida, em busca da estruturação do projeto do lugar propício. Viveu e experienciou cidades como Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo, onde graduou-se em 1954, pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie. No período de sua formação, sofreu forte influência do estilo internacional. No Brasil, sofreu influências incisivas do grupo paulista, liderado por Vilanova Artigas, que apontava para sua relação de “convívio com os conflitos do homem em sociedade, em busca de um viver que garanta a presença deste homem”. E do grupo carioca, com Niemeyer, na “ocupação da natureza pouco comprometida pela ação do homem”, destacando a arquitetura. (SOLOT,2004)

Atuou como professor da FAU/USP, a convite de Vilanova Artigas. Ao lado de Lina Bo Bardi, Mendes da Rocha é representante da última geração da arquitetura moderna brasileira. Segundo Montaner, sua arquitetura segue em direção ao racionalismo, sistematização, essencialidade e redução. O arquiteto plasma a massa do edifício na busca da forma, rigor estrutural e aproveitamento essencial do espaço. Neste percurso, utiliza formas fechadas para o exterior, caixas elevadas sobre pilotis com pátios e jardins interiores, e mobiliário fixo, em concreto. Possui uma relação direta com o concreto, a estrutura e instalações expostas, como herança da reinterpretação brutalista à moda do grupo paulista. (MONTANER In ROCHA,1996)

Foi convidado a participar do Projeto Baía de Vitória pelo engenheiro Paulo Augusto Vivacqua, especializado em portos..“A idéia do projeto Baía de Vitória surgiu através da leitura dos relatos de Auguste Saint-Hilaire (1799-1853), naturalista francês, sobre sua viagem ao Espírito Santo em seu livro: “Segunda Viagem ao Interior do Brasil”.

Paulo Mendes foi contratado no período de 1992 a 1993 para coordenar a concepção arquitetônica e urbanística do projeto. Diante disso, elaborou um plano físico-territorial, para desenvolvimento integrado da Baía de Vitória. As intervenções foram projetadas, visando a recuperação e a preservação do patrimônio cultural e ambiental, junto a novas atividades urbanas e sociais, para promoção de desenvolvimento sócio-econômico. Com base no planejamento da ocupação da orla e principalmente, na construção do Centro de Comércio Exterior. (Imagem Urbana, 1998)

A proposta deste grande plano, culminou no manifestar de uma visão territorial ampliada, com atuações pontuais integradas, na criação de novas atividades urbanas, traduzindo a visão construída individual e local, de Mendes Rocha.



2. O Plano Urbanístico da Baía de Vitória

A Baía de Vitória localiza-se entre os municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra. O Plano Urbanístico, desenvolvido por Paulo Mendes da Rocha, nasceu de um ensaio, com base nos corredores de exportação e criação de polos de desenvolvimento, para controle e planejamento do crescimento da capital. A intenção era remodelar a cidade, visando o futuro, utilizando novos recursos técnicos e a instalação de empreendimentos com consciência ecológica.

Com intuito de revelar a condição já existente de Vitória, como cidade global, aliando ciência e arte, no projeto de uma natureza humanizada e/ou uma nova geografia. O plano se baseou em sete pontos principais (memorial original):

“ 1. Baía de Vitória – áreas portuárias transformadas – Portos revitalizados. Navegação intensificada. Vitória – Vila Velha – Cariacica.

2. Cidade Velha – Preservada, revitalizada. Monumentos, moradias, turismo e vegetação nativa.
3. Orla das praias – Habitação, comércio e serviços, locais de apoio nas áreas interiores, habitação popular em convivência. Escolas – saúde.
4. Centro Empresarial – Nova urbanização – esplanada. Centro de Convenções – Cais. Urbanização de entrada da baía.
5. Áreas de expansão urbana.
6. Entrada do Contorno – manguesais – Modelo de fazendas marinhas, fluviais. Industrialização de produtos do mar.
7. Estudos de ligações e transposições – eixos de transporte de massa.”



A diversidade de vertentes propostas por Paulo Mendes explicita o desejo de integração de disciplinas, associando profissionais para fazer brilhar o que é peculiar ao lugar. As

intervenções em vias fluviais têm função estruturadora no plano, junto ao desejo de despoluição e navegabilidade dos rios e mares, e a construção de novas conexões metropolitanas.

A orla é palco de crescente ocupação e crescimento da cidade, é nela que acontece a relação cidade/água e/ou terra/água. A situação porto/cidade se estabelece na baía, em especial nos grandes portos de Capuaba e Tubarão, e no Porto do Centro de Vitória. No Centro, “cidade velha”, o porto deu as costas para a cidade. O plano pretende abrir, iluminar, fazer do porto parte ativa, integrante monumentalidade da cidade. Na costa encontram-se os aterros, áreas da nova urbanização. Urbanização que se estende à leste da ilha no sentido norte-sul, de Camburi (Vitória) à Itapuã (Vila Velha), como uma linha de força, que atravessa as duas extremidades. Estas zonas seriam enriquecidas com habitação, equipamentos públicos, comércio e serviços e habitação popular.

Para obter integração entre estrutura, natureza e práticas sociais, o arquiteto lançou intervenções incisivas e vanguardistas, resultando na criação de novas espacialidades urbanas, como o importante “eixo estruturador”, instalado na entrada da baía. O desenvolvimento de eventos e cultura é contemplado com um centro de convenções e exposições. Um grande pavilhão, com um auditório independente na cobertura, “para situações que não demandam o enclausuramento do teatro convencional”. Com uma face em terra e outra que avança sobre o mar, o edifício permite a passagem e ancoragem de barcos. Somado a um pórtico metálico que enquadra a paisagem e dialoga com a escala das grandes embarcações, compondo a entrada da baía.

A criação de uma nova esplanada no Suá (bairro de Vitória), com estacionamento subterrâneo extensivo em toda sua área, comum às edificações, na mesma cota dos porões dos navios que atravessam a baía, fortalece o empreendimento. O térreo abriga um contínuo espaço público, com comércio e serviços, onde seriam instaladas construções baixas complementares, impedindo o loteamento da esplanada.

Em frente ao novo aterro, três torres associadas se instalam sobre as águas, utilizando fundações com tubulões pneumáticos, afastadas do continente e conectadas com a nova esplanada, configurando o Centro Empresarial. De forma à criar um pequeno canal, onde passariam pequenas embarcações para transporte de passageiros. Estes edifícios teriam 30x30 metros cada um, construídos com estrutura pré-moldada. Alcançariam de 90m a 100m de altura, com praças aéreas interligadas na cota 60. Segundo Mendes da Rocha, estas estruturas teriam um caráter paisagístico, harmonizando com a morfologia local e seu processo de materialização, seria um espetáculo. Um canteiro de obras flutuante.

Adiante, se posicionam mais duas intervenções: a perfuração de um “túnel habitável”; como uma rua de 80m, transpassando o morro de Bento Ferreira, iluminada e munida de equipamentos de comércio e serviços, proposta para a vida noturna local. E uma praça/edifício, horizontal, quadrada, como um cais de bordas atracáveis, envolvendo a

Ilha da Fumaça. Esta praça seria um centro de serviço e comércio, aberto no centro, com uma pedra, remanescente do desmonte da ilha.

A região da baía noroeste da ilha de Vitória localiza-se no encontro da Baía de Vitória com o manguezal. Esse território abriga uma população de menor poder aquisitivo e uma situação biológica especial. Neste local ocorre um fenômeno em que as águas apresentam alto nível de planctos, devido interação entre as águas marítimas, salobras, e as fluviais, ricas em matéria orgânica. Lugar propício para a instalação de fazendas marítimas para criação de crustáceos. Para solucionar este programa, Paulo Mendes projeta uma plataforma autônoma, ancorada sobre as águas, de 2km por 50m, onde estariam instaladas as fábricas. Esta estrutura ligaria se a terra, teria um sistema de embarcações e desembocaria para estrada do Contorno.

Afim de instaurar a cidade interligada, diante do crescimento acelerado da cidade, foi necessária a criação de novas conexões. Foram estudadas e propostas a ponte de ligação com Cariacica, o túnel submerso para Vila Velha e o túnel, para o Centro de Vitória. Estas são propostas expressivas para inteligência viária regional, no desenvolvimento e descongestionamento do traçado capixaba que, somados a utilização de vias fluviais e a restauração da malha ferroviária, dariam vazão à dinâmica metropolitana.

A elaboração deste plano almeja o desenvolvimento contínuo e ordenado do desenho da cidade. A implantação de dispositivos para renovação regional, aliados a novas conectividades, amplia e faz circular a energia da cidade. A recriação do território, se fundamenta na experiência do autor, que viveu o lugar e busca revelar a vocação dos espaços, paralela à visão do arquiteto moderno, transformador e cosmopolita.

3. Memória, Arquitetura e Natureza: O Projeto Urbanístico da Baía de Vitória

A obra de Paulo Mendes da Rocha realiza o encontro entre Arquitetura e Engenharia, arte e técnica. Arte provém do latim, *Ars*, tradução latina do vocábulo grego, *Techné*. A dicotomia entre palavras que procedem do mesmo vocábulo é anulada em seu discurso, da mesma forma que a divisão esquisofrênica entre arquitetura e urbanismo. O arquiteto apreende o lugar para transformá-lo:

“Quando o homem olha a natureza, já a vê como parte de seu projeto, das transformações que fará.” (ROCHA In ARTIGAS, 2002)

Utiliza a lógica tectônica, na relação entre ambiente natural e construído. Na fundação de adaptações necessárias à vida, por meio da exteriorização da vocação funcional de cada espaço. Em sua trajetória, Paulo Mendes constituiu referenciais sólidos, visíveis em sua origem. Sua criação em família de engenheiros, que destinou seu olhar para fabricação humana do espaço em que se habita, observando desmontes e aterros, construções e demolições, parte de seu “pacote ideológico” na estruturação de seus projetos, relacionando intervenções e cidades, gerando uma consciência universal.

Em seu processo de construção projetual, sua memória é solicitada como ingrediente, trazendo a lembrança experiências intelectuais, sensíveis, individuais e coletivas, vivenciadas ao longo de sua trajetória. A influência de uma formação em família de engenheiros, dos ideais de arquitetura nacional e internacional, da época em que se constituía como arquiteto, adicionadas a experiência de seu lugar de origem, Vitória, relacionada com outras grandes metrópoles, modelos, vistos em suas viagens e leituras.

O resgate da memória para a atuação em seu território de origem, foi determinante, relembrando antigas relações espaciais. A pulsação da Cidade Velha, berço do patrimônio local, a atuação direta do porto na cidade, a importância da orla, a valorização da natureza e navegação fluvial, somadas as experiências e soluções observadas em outras localidades, buscam conectar cidade, água e paisagem. A elaboração da postura, fundada em seu passado e evocada em 1993, produz a lógica do novo desenho urbano, constituinte do Plano Urbanístico da Baía de Vitória.

A natureza é suporte e instrumento projetual. Sua arquitetura busca com diálogo com a paisagem e os elementos naturais que participam de sua composição. Estes elementos são utilizados como meios de potencializar a relação com a natureza e, ao mesmo tempo, tirar partido de potenciais funcionais que estes elementos possam proporcionar, mesmo que esta natureza tenha que ser transformada. A natureza e a arquitetura oscilam como foco principal e secundário, determinados pelo desejo de se fazer cumprir a vocação espacial instituída no lugar, na criação de uma nova morfologia local.

A busca do diálogo entre edificações, topografia e embarcações que adentram a baía, na promoção de novas escalas e visuais urbanas, sugere a influência de Niemeyer. O apelo social mostra-se na integração de atividades da cidade, como energia essencial, na implantação de equipamentos básicos e diversificação funcional, em prol da qualidade de vida coletiva. Guiada por uma arquitetura da lógica da estrutura material, geometria humana e natureza dos materiais, que relembra Artigas. Essa aproximação entre arquitetura, natureza e sociedade, guiaram seu discurso.

A habitação popular entra como alternativa para democratizar os terrenos urbanizados na orla. A instalação das fazendas marítimas visa ascender uma potencialidade local e reconfigurar a situação sócio-econômica da população, para geração de empregos e consciência ambiental. A integração destas práticas possibilita ao habitante exercer seu direito de cidadão, com sua inserção no processo produtivo.

O porto recebe carinho especial do arquiteto, pois constitui o patrimônio material, imaterial e a paisagem da cidade. A manutenção da relação porto/cidade busca uma nova configuração da fachada portuária, com o diálogo entre interior e exterior, gerando uma zona iluminada, onde se possa ver as incessantes atividades portuárias, o espetáculo humano. Os portos devem se adequar as qualidades urbanas, fazendo com que a cidade assuma sua identidade marítima e o “porto domestique-se”.

Mendes da Rocha inicia seu plano a partir da orla, silhueta desenhada pela baía, estabelecendo intervenções ao longo deste circuito. A ocupação, frente à linha de mar, se dá, pela qualidade do lugar, localizado entre a água e os maciços rochosos, cobertos de vegetação. Os percursos hidrográficos são tratados como vias navegáveis, com potencial de transporte coletivo, desafogando e integrando a malha viária urbana. A composição de uma malha metropolitana, exige a execução de novas conexões para os municípios de Vitória, Vila Velha e Caricica, objetivando a fluência do fluxo da cidade. O túnel submerso, a ponte, e o túnel cortado na pedra são instrumentos de reconfiguração e articulação das ligações internas e intermunicipais.

Como âncora do plano, apoiada na corrente de exportação, o Centro Empresarial destaca-se por sua monumentalidade, propondo uma nova escala urbana. A visão do mundo globalizado, fortalecida nos corredores de produção e exportação, dão suporte a idéia. Torres cristalinas, pavilhões, espaços públicos aéreos, aquáticos, terrestres, recheados de comércio e serviços, têm como objetivo a criação de um novo polo.

A maquete física processual sempre esteve presente em seus trabalhos, permitindo a melhor visualização destes. A modelagem parte de uma estética reducionista e oportuna do território. Mendes da Rocha desenha baía, sua topografia, a extensão territorial e as principais vias, implementando suas intervenções. Esta redução “essencial” do suporte demonstra seu processo, em que analisa a área com liberdade de proposição, tendo como base o espaço físico nú, como a tábula rasa, onde seus empreendimentos possam ser implantados, tentando um diálogo com a paisagem e sobrepondo outras espacialidades da cidade.

A idéia forte tem como base o redesenho da ilha, por meio de aterros e complexos edificadas. A atuação em grandes reconfigurações espaciais, que buscam a relação entre arquitetura e natureza, são apresentadas por Mendes da Rocha em palestras, nos planos Baía de Vitória, Cidade do Tietê (SP) e Baía de Montevideo (URU). O projeto do novo provém do experimentalismo de alternativas, que fazem parte do diálogo entre a cidade e a subjetividade do autor. Seus desejos, lembranças e referências participam diretamente do processo criativo.

A conclusão passa pelo pensamento de Tadao Ando, outro grande arquiteto moderno: “A arquitetura assemelha-se ao arquiteto”. A memória salta e a técnica revela os valores de Paulo Mendes da Rocha na reconfiguração de sua cidade natal, no concretizar de mais uma proposta concluída, mas não implementada.

Agradecimentos

Agradeço a Facitec pela bolsa de iniciação científica, e em especial a professora orientadora, Clara Luiza Miranda.

Referências

ALVES, A. A. de A. **Arquitetura Moderna, Paulo Mendes da Rocha, Cidade**. In <http://www.ponto.org/1/artigo3.html>

ARTIGAS, R. **Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo, Cosac & Naify, 2002 (2 ed.)

CATÁLOGO, “**Arquitetura, Cidade e Território**”. 7 Mostra Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza, 2000

LIMA JR., C. B., SOARES, S. C. & BONICENHA, W. **Baía de Vitória: aspectos históricos e culturais**. Vitória: FCAA,

MOTTA, F. **Paulo Mendes da Rocha**. In <http://www.ponto.org/1/artigo0.html> acessado em 2011

REVISTA, **Imagem Urbana**, 1998

ROCHA, P. M. **Mendes da Rocha**. Lisboa: Blau, 1996

SERRA, G. G. **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: Guia prático para o trabalho de pesquisadores de pós graduação**. São Paulo, Madarim, 2006

SOLOT, D. C. **Paulo Mendes da Rocha. Estrutura o êxito da forma**. Rio de Janeiro: Viana& Mosley. 2004